

## **Yes, We Can: A transição capilar da mulher negra na mídia tradicional e nas redes sociais<sup>1</sup>**

Daltro, Luana Mendes<sup>2</sup>  
Strelow, Aline do Amaral Garcia<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### **Resumo**

Este trabalho analisa como são construídas as temáticas acerca da transição capilar da mulher negra nos grupos *Transição Capilar – Cabelo sem química* e *Transição Capilar – depoimentos*, no site de rede social Facebook e nos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* no período de julho de 2015 a julho de 2016. A metodologia utilizada ampara-se na análise de conteúdo (AC) à luz de Bardin (2011), assim percebeu-se que há uma crescente circulação de textos sobre o cabelo crespo da mulher negra, que ocorre de maneira mais intensa e especializada nos grupos que reúnem essas mulheres no site da rede social Facebook, mas que alcança, de forma gradativa, os meios de comunicação tradicionais, em um movimento de reprogramação e como resultado de um exercício de contrapoder, protagonizado pelas mulheres negras na Internet.

### **Palavras-chave**

Mídia e mulheres negras; Cabelo crespo; Transição capilar na mídia; Poder e contrapoder na comunicação

### **Introdução**

No Brasil, a valorização do cabelo crespo é um fenômeno recente. Essa ação emerge, de modo concomitante, ao debate acerca das imposições ainda enfrentadas pela mulher negra no século XXI. Essas advêm do processo sócio-histórico do Brasil, que definia o negro como inferior ao branco, tanto no sentido social e político quanto em âmbito econômico (SOUZA, 1983). Além de consolidar o discurso imposto pela cultura eurocêntrica – o do cabelo liso como padrão de beleza hegemônico (SILVA; BRAGA,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Relações Públicas na UFRGS-RS. Email: [luana.daltro@hotmail.com](mailto:luana.daltro@hotmail.com)

<sup>3</sup> Prof. Dra. Aline do Amaral Garcia Strelow. Professora Adjunta da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).Email: [alinstrelow@terra.com.br](mailto:alinstrelow@terra.com.br)

2015).

O retorno do cabelo natural da mulher negra ocorre com o surgimento da transição capilar<sup>4</sup>, que simboliza um ato político frente à sociedade ao demonstrar a libertação das imposições dos padrões sociais e um elemento corpóreo que evidencia a inclusão e segregação na sociedade. Em 2015, a partir da exposição da transição capilar nas redes sociais, percebe-se que o movimento ganha visibilidade em produções midiáticas e cinematográficas na mídia tradicional<sup>5</sup>. Aliado a isso, identifica-se a utilização das comunidades virtuais, nos sites de redes sociais, como espaço para troca de vivências entre as mulheres negras que passam pelo processo.

Este estudo é resultado do trabalho de conclusão de curso em Comunicação Social da autora, intitulado “Yes, We Can: a transição capilar da mulher negra na mídia tradicional e nas redes sociais” pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O estudo teve como objetivo geral analisar como são construídas as temáticas acerca da transição capilar da mulher negra nos grupos *Transição Capilar – Cabelo sem química* e *Transição Capilar – depoimentos*, no site de rede social Facebook e nos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* no período de julho de 2015 a julho de 2016. Os objetivos específicos foram identificar os principais temas acerca do processo de transição capilar da mulher negra contemplados nos grupos escolhidos e verificar como são abordadas as temáticas acerca desse processo pelos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* no período delimitado. O período escolhido foi fruto da visibilidade do tema em 2015 e sua continuidade em 2016.

Para compor o *corpus* do trabalho foram utilizadas postagens dos grupos *Transição Capilar – Cabelo sem química* e *Transição Capilar – depoimentos*, no site de rede social Facebook. A partir da busca pelo termo “transição capilar” neste ambiente foram encontrados 39 grupos que abordavam a temática e escolhidos os dois grupos com o maior número de integrantes e que continham postagens no período de julho de 2015 a julho de 2016. O grupo *Transição Capilar – Cabelos sem química* foi escolhido por apresentar o maior número de participantes no site de rede social Facebook, com

---

<sup>4</sup> Processo de naturalização dos fios capilares, ou seja, desistir da aplicação de produtos químicos e técnicas para alisamento (ou relaxamento) e permitir o crescimento natural dos cabelos (ENCRESPANDO, 2013).

<sup>5</sup> Exemplo de matéria na mídia: “Mulheres entram na onda de fugir da química no cabelo e do alisamento” (GLOBO PLAY, 2015).

40.718 membros. O segundo grupo com maior número de participantes foi desconsiderado pela sua criação ter ocorrido em novembro de 2015, assim não contempla os meses anteriores delimitados neste estudo. Por isso, o grupo *Transição Capilar – depoimentos* compôs o corpus deste estudo por conter o terceiro maior número de participantes com 15.452 membros.

Na perspectiva dos jornais, escolheu-se a *Folha de São Paulo* por ser um dos jornais de maior circulação e referência no país, e *Zero Hora* também por ser considerado um jornal de referência, mas em âmbito regional – neste estudo, no estado do Rio Grande do Sul, onde se originou e se produziu a pesquisa. As matérias selecionadas nestes veículos são relacionadas aos termos “cabelo crespo”, “cabelo cacheado”, “cabelo afro” no período de julho de 2015 a julho de 2016, correspondentes à transição capilar.

Para tal fim, utilizou-se como metodologia a Análise de Conteúdo (AC) à luz de Bardin (2011). A partir deste método, buscou-se compreender, através das três fases propostas pela autora, as temáticas que serão elucidadas na análise. Para este artigo, foram selecionadas duas matérias e duas postagens do conjunto de 21 matérias encontradas nos jornais e das 114 postagens dos grupos no site da rede social Facebook.

### **O corpo negro como expressão de liberdade**

O corpo humano é repleto de produção de sentidos e de elementos que constroem diálogos sobre sua identidade individual e coletiva. A análise corpórea compreende o corpo não apenas como objeto físico, mas identifica os sentidos sociais e culturais produzidos na sociedade.

Neste estudo, aborda-se o corpo da mulher negra por ser cercado de imposições e estigmas ao longo dos séculos. Suas opressões sofridas são invisibilizadas na sociedade, transformando-se em silêncio naturalizado. Sob a perspectiva de signo (NOGUEIRA, 1999), o corpo negro pode ser visto como reprodutor da estrutura social, que está condicionado aos diferentes sistemas sociais. Assim, entende-se que a sociedade é responsável por privilegiar características e atributos do corpo, sentidos e valores impostos no âmbito social.

À luz da história, o corpo negro foi e é visto como corpo exótico, a ser explorado

e modificado para se enquadrar nos padrões da sociedade eurocêntrica (SCHUMAHER; VITAL, 2007). Nesse sentido, entende-se, analogicamente, que o corpo da mulher negra é visto como um território, que foi marcado por dominações e apropriações do homem branco dominante – o qual detinha e detém o poder. Essas imposições constroem sua imagem e identidade ao longo dos séculos, o que se reflete no cabelo crespo.

### **Cabelo Crespo**

Nas marcas históricas sobre o significado do cabelo nas sociedades, Quintão (2013) aponta que este reproduz sentidos individuais e coletivos por ser um elemento corpóreo que identifica e narra à história dos povos. O uso do cabelo natural para a mulher negra brasileira é visto como luta pela liberdade e direitos de igualdade e cidadania (LODY, 2004). Assim como, adquire uma conotação política e resistente frente à sua doutrinação na sociedade, já que corpo e cabelo interligados são elementos que constroem a identidade do negro.

Na sociedade brasileira, o cabelo pode ser visto como elemento corpóreo que expressa o embate racial entre negros e brancos, pois assume a forma de signo e sua linguagem exerce a função de comunicar as relações raciais presentes (GOMES, 2002). Por isso, abordar o cabelo como problemática social não dialoga somente com a estética estabelecida, mas abarca instâncias sociais e simbólicas dos sujeitos. Ademais, o cabelo é cercado pelas relações de poder intrínsecas na memória social brasileira, principalmente, para o povo negro:

Ele é um dos principais ícones identitários para os negros. Porém, o cabelo sozinho não diz tudo. A sua representação se constrói no âmago das relações sociais e raciais. Pegar no cabelo é tocar no corpo. Cabelo crespo e corpo negro, colocados nessa ordem, são expressões de negritude. Por isso não podem ser pensados separadamente (GOMES, 2002, p. 09).

Para Lody (2004), os cabelos são objetos de comunicação, que manifestam a beleza e os padrões estéticos. Os padrões são reforçados pelos conceitos de beleza, os quais são analisados por Umberto Eco (2004). O conceito de belo e feio é mutável ao longo dos séculos. Eles são modificados pelo tempo e cultura das sociedades, mas sempre houve a tentativa de colocá-los em modelos. Esse entendimento pode ser visto pela compreensão da beleza da mídia, criticada pelo autor pela padronização estabelecida, influenciada pelos padrões culturais das épocas. Entende-se que as

mudanças provocadas nas sociedades corroboraram com as percepções de beleza e feiura atuais, assim como permitem rupturas e estabelecimentos de novos sentidos, por exemplo, sobre o cabelo crespo. Afinal, a beleza é mutável e ressignificada pelos sujeitos.

As modificações estruturais do cabelo crespo, principalmente, com o alisamento relacionam-se com a identificação negativa das características fenotípicas negras. A aceitação de suas características naturais, aliado ao entendimento da valorização de sua etnia, constitui-se na união da ancestralidade com o mundo atual. Desta forma, a valorização do cabelo natural, que emerge novamente com a transição capilar, abarca as imposições que o corpo da mulher negra ainda sofre na sociedade brasileira. Desse modo, entende-se a importância de abordar a comunicação na reprodução de estereótipos e discursos que se articulam como base para a formação da opinião pública.

### **Discurso da Mídia**

As relações de poder estabelecidas pelas instituições e atores sociais estão constituídas no discurso da mídia e são determinadas, de modo geral, pela classe dominante. Entretanto, na cultura da mídia, circulam também novas produções e sentidos acerca das diferentes problemáticas sociais, como no caso da mulher negra e sua inserção neste ambiente. Esta abertura possibilita novas perspectivas para os estudos relacionados ao tema no âmbito da comunicação, pois se utiliza dos mecanismos de poder e do discurso midiático para produzir novas configurações em rede.

### **Cultura Midiática**

A mídia como instituição de poder simbólico torna-se importante difusora da opinião pública e pode ser considerada articuladora das transformações nas diferentes visões de mundo por meio do discurso. Para Charaudeau (2007), as mídias são instituições que utilizam os mecanismos da comunicação e da informação como forma de inseri-los na ordem econômica, tecnológica e simbólica. Na perspectiva deste estudo, acentua-se o mecanismo simbólico, o qual exerce papel fundamental nesta análise, pois é o instrumento que evidencia as construções sociais e valorativas nas relações sociais dos sujeitos.

---

No que tange à comunicação, o poder simbólico pode ser visto “[...] na atividade de produção, transmissão e recepção do significado das formas simbólicas” (THOMPSON, 2013, p. 42). Essa atividade está presente nas interações e troca entre os sujeitos no cotidiano, assim como interfere nos acontecimentos e ações desenvolvidas no âmbito cultural. No âmbito da informação, o discurso pode despertar novos sentidos e conhecimentos no interlocutor, principalmente, pela estruturação das novas tecnologias da informação e da comunicação, que possibilita maior circulação dos discursos informativos estabelecidos pela mídia.

Na concepção de Kellner (2001), a cultura da mídia faz parte da vida cotidiana das pessoas, sendo formadora da opinião pública, das construções sociais e identitárias. Essa demonstra os sujeitos de poder, pois legitima e estabelece os discursos que compreendem tal concepção. Na mídia acontecem os tensionamentos da luta social, do controle do poder e de discursos ideológicos, visto que é uma instituição de poder simbólico. Essa lógica reforça a série de oposições binárias, que são enraizadas para instaurar privilégios, fortalecer o poder dos dominantes e estabelecer a desigualdade das forças dos dominados. Dessa maneira, constituem-se subsídios acerca da dominação simbólica e coercitiva sobre a mulher negra no Brasil, que podem ser compreendidos como mecanismos discursivos e de poder.

### **O poder e contrapoder da comunicação**

Há um processo de transformação em curso no que tange à relação de poder e contrapoder da comunicação, resultada da necessidade de um novo formato comunicacional que retrata os indivíduos de forma horizontal (CASTELLS, 2007). Neste trabalho, compreende-se a constituição dessa dinâmica a partir dos jornais de referência e dos grupos do site da rede social Facebook sobre a temática da transição capilar da mulher negra.

De acordo com Castells (2015), o poder e o contrapoder se intercomunicam e estabelecem uma dinâmica dialética pela lógica do poder das instituições e pela resposta de indivíduos, que percebem ou não os interesses representados pelos detentores do poder. As relações de poder são desenvolvidas na mente dos sujeitos por meio dos processos de comunicação, baseadas nas instituições organizadas na sociedade. Para o

autor, essa interação é fundamental para sua compreensão, visto que o impacto na mente humana reflete-se na dominação dos indivíduos em comparação à subordinação pela coerção. Porém, o autor argumenta que o poder não é onipotente, pois há sempre uma contraposição a sua manutenção. Assim, há o surgimento de uma nova ordem de poder, que tem a capacidade de provocar possíveis mudanças institucionalizadas na sociedade, vista por Castells (2015) como contrapoder.

### **Reprogramação em rede**

As relações estabelecidas pelo poder e contrapoder nas instituições das esferas públicas e privadas não são estáticas e inerentes às mudanças dos processos de constituição social, conforme aponta Castells (2015). No que tange ao objeto deste estudo, pode-se destacar que a transição capilar foi objeto de transformações nas relações de poder e contrapoder oriundas de grupos sociais. A visão remanescente da sociedade escravista, que impõe à mulher negra enquadrar-se aos padrões eurocêntricos, começa a sofrer rupturas, ainda gradativas, mas que enaltecem suas características corpóreas.

Compreende-se que as instituições reforçam as práticas sociais estabelecidas na sociedade. Desse modo, o discurso midiático reproduz os valores enraizados historicamente na sociedade. É esse processo que coloca o povo negro como inferior ao branco e subestima suas ações orientadas por valores oriundos da sociedade escravocrata. Entretanto, quando os atores sociais buscam a resistência nesse processo de inferiorização, a lógica pode ser invertida, e assim, os discursos da mídia tendem a reproduzir novas visões acerca do negro. Em outra perspectiva, os sites de redes sociais ao serem construídos e programados pelos mesmos sujeitos, também começam a reprogramar os discursos e relações de poder. É neste contexto que surge a análise deste trabalho, provocada pela nova configuração da comunicação em rede, analisada à luz da transição capilar da mulher negra nos jornais de referência e nos grupos no site da rede social Facebook.

### **Empoderamento e Incentivo**

A partir dos objetivos traçados neste estudo, utilizando a análise de conteúdo

com base em Bardin (2011), fez-se a leitura das 21 matérias encontradas nos jornais e das 114 postagens dos grupos no site da rede social Facebook. Assim, optou-se por analisar os temas *empoderamento* e *incentivo*, respectivamente, com o maior número de matérias nos jornais e postagens nos grupos selecionados no Facebook. Para este artigo, explora-se um recorte do objeto de pesquisa do trabalho de conclusão de curso, com duas matérias, uma de cada jornal estudado, e duas postagens, uma de cada grupo, que se destacaram do conjunto analisado.

### **Empoderamento: A resistência da mulher negra**

Como objeto de análise, utiliza-se matéria da revista *Donna*, publicação especializada do Jornal Zero Hora, veiculada nos dias 23 e 24 de Julho de 2016. Dentre as catalogadas, optou-se pela matéria de capa da revista, que aborda a história de três mulheres negras, de classes e profissões diferentes, mas que se assemelham pelo empoderamento.

“Da cor do orgulho” é o título da matéria, que aborda a reafirmação da “[...] identidade celebrando a beleza e a cultura afro”. A matéria traz uma valorização do orgulho negro, que expressa a união, que transcende as ruas e os movimentos sociais para se estabelecer na Internet. Neste espaço, há “[...] uma nova fase do movimento que une e dá cada vez mais voz às mulheres negras”, na qual a soma de conhecimentos e divisão de experiências torna-se pauta de reivindicação. Explorar o cabelo e a beleza com a mulher negra ultrapassa questões estéticas, torna-se “[...] ponto de partida para uma discussão maior sobre autoestima e orgulho negro”. A partir dos trechos da matéria destacados acima, as entrevistadas abordam os cuidados com os cabelos e o incentivo que buscam levar para as mulheres “assumirem seus cachos”. A entrevistada Negra Jaque aponta que suas características corpóreas sempre foram menosprezadas, as pessoas diziam para ela “baixar o volume” de seu cabelo e alisar. Ela argumenta que: “usam muitos produtos para desmanchar uma parte da gente. Isso vem da geração da minha mãe e da minha vó. Elas foram ensinadas que assim é o certo: quanto mais clara, mais bonita”. Essa visão é reforçada desde a sociedade escravocrata nos Estados Unidos, período no qual, os escravos negros de pele clara tinham privilégios em detrimento dos escravos com tom de pele escuro (QUINTÃO, 2013).

Traçar apontamentos acerca do cabelo crespo também faz emergir o racismo associado ao elemento corpóreo. O alisamento do cabelo na sociedade brasileira não é, muitas vezes, uma escolha, pois se torna um caminho para a busca da aceitação. A mulher negra, ao assumir seu cabelo natural, expõe os confrontos ocultos da problemática racial. Esses podem ser vistos desde o período colonial, em que se instaurou o projeto de embranquecimento e miscigenação, que negava as características negras refletindo no cabelo. (ANDRÉ, 2008).

Entende-se que enaltecer e valorizar o cabelo, corpo e demais aspectos que contribuam com o orgulho em ser negra, é uma forma de se empoderar e ressignificar os discursos. Diante disso, conforme aponta a matéria, “Jaque abraçou de vez sua negritude e agora transforma sua luta contra a opressão das mulheres e o preconceito em música”, pois é no *rap* que ela encontra sua voz para discutir sobre as imposições em seu corpo.

Outra entrevistada é Carolina Anchieta, jornalista do *Octo*<sup>6</sup>, que teve a sorte de “crescer empoderada”. De acordo com a matéria, Carol esteve presente desde cedo com a cultura afro, porém “se viu também como a única criança negra da turma”. Por vir de uma família da classe média, a entrevistada conta que “[...] pertencia àquele perfil de negros classe média que são aceitos na sociedade. Só fui perceber isso anos depois. Não me ofendia porque sabia que não era uma discriminação diretamente comigo, mas me constrangia”. Porém, conforme aponta matéria, seu “[...] cabelo e pele sempre foram motivos de orgulho”.

Se para Carol a condição social ocultou o racismo, para Jaque, essa discriminação tornou-se presente desde cedo, afirmando que aprendeu rápido “[...] o significado de ser negra e mulher”. Jaque aponta com sua fala o racismo que sofrem as mulheres, pois ser negra e pobre demonstra a discriminação, que muitas vezes, é velada. Como válvula de escape, ocorre a negação de suas características físicas, como se percebe na fala da entrevistada Ana. Conforme aponta a matéria, “[...] a mulher de cabelo solto, que veste cores e símbolos de seus ancestrais em peças criadas com as próprias mãos, durante muito tempo desejou não ter nascido negra”. Essa concepção origina-se da falta de aproximação da representatividade negra, segundo ela, “me

---

<sup>6</sup> *Octo TV* foi uma emissora vinculada ao Grupo RBS no canal 36, que após 10 meses no ar encerrou suas transmissões. O canal trazia temas diversificados, pautas em debate na sociedade para discussão (COLETIVA, 2016).

faltavam referências para me entender negra”. Percebe-se pelo exposto a importância de encontrar identificação e pertencimento no negro. Por isso, o poder simbólico da mídia (THOMPSON, 2013) na construção de discursos positivos torna-se valioso para a representatividade negra.

Já na matéria da revista *sãopaulo*, publicação do jornal *Folha de São Paulo*, veiculada nos dias 6 a 12 de março de 2016, abordou-se o retorno do cabelo crespo entre as mulheres de São Paulo. A capa da revista traz como destaque o cabelo cacheado, sob o título “Na onda do crespo”, o qual aparece como sucessor à “ditadura da chapinha” no texto. A matéria de capa intitulada “Regressiva” traz a queda da escova progressiva, após quinze anos de sua consagração e a força das mulheres na internet com dicas de “cachos perfeitos sem química”. Nestes breves trechos destacados, percebe-se que a revista traz o retorno do cabelo crespo e cacheado como uma fase, além de tratar o tema, como novo padrão de beleza a ser seguido pelas mulheres. Entretanto, a transição capilar está amparada em aspectos que não respondem apenas aos padrões estéticos, principalmente para a mulher negra, pois abarcam questões que envolvem a identidade e o racismo.

De acordo com a matéria, “[...] o reino da escova progressiva e da chapinha começa a ruir e na *internet*, meninas arrastam milhares de seguidores com dicas para criar cachos perfeitos sem química”. Evidenciam-se dois elementos importantes neste trecho: a queda de um padrão de beleza e a importância que as mulheres na internet estão desempenhando. Essa concepção é reforçada pela história de Maraísa Fidelis – blogueira e *youtuber* – contando que por falta de representatividade e, por sua vez, tendo como referência o cabelo liso, começa a seguir a prática. De acordo com a matéria, “[...] as histórias de quem virou refém do alisamento começam todas no mesmo cenário: o colégio”. Ao verem as colegas de cabelo liso, as meninas começam a desejá-lo também. Percebe-se a importância que a revista deposita nas blogueiras, ao trazer fontes como Maraísa Fidelis e Rayza Nicácio que são consideradas formadoras de opinião para mulheres em transição. Mas, “a criação de cachos perfeitos” revela o padrão do cabelo sem volume e definido, imposto também às mulheres com cabelo crespo e cacheado. Para isso, a capa da publicação traz uma mulher branca, de cachos definidos, o que pode representar que a referência da mulher negra, para a revista, ainda

está na mulher branca. Além disso, o “curtir cabelos crespos” exposto na matéria, desvaloriza os valores identitários das mulheres negras, que precisam ser reforçados com a visibilidade proporcionada pela mídia, e não informados como moda.

O retorno do cabelo crespo evidencia o empoderamento feminino, o qual questiona padrões e estereótipos acerca do corpo da mulher negra. Neste estudo, aborda-se a beleza como elemento visível destes questionamentos, proporcionando novas discussões sobre o mercado da beleza, da moda, mas aponta embates subjetivos da mulher, proporcionando maior notoriedade a como ela se sente bem. Como ressalta o trecho “[...] sair da progressiva foi como queimar sutiã em praça pública”, identifica-se a mulher negra como expoente desses entraves, trazendo novamente para as agendas públicas a sua luta e seus direitos.

### **Incentivo: A motivação da transição capilar**

As postagens que contemplam esta temática referem-se à inspiração, ao apoio e à persistência que as participantes, que estão em transição ou já passaram pelo processo, oferecem às integrantes nas comunidades. Essa ação torna-se habitual no grupo, principalmente, pelo uso de imagens. No período de transição capilar, as imagens são importantes referências para se inspirar e prosseguir no processo. Conforme incentiva uma participante: “1 ano da melhor decisão da vida”<sup>7</sup>.

A transição capilar torna-se um processo interno, que resgata a autoestima e o orgulho em usar o cabelo natural. Já a valorização da estética pelo cabelo é o elemento visível que abarca o movimento, o qual poderia ser considerado como ato silencioso e individual das mulheres em transição. Entretanto, transforma-se em ação coletiva e política, pois também abarca questões como racismo e identidade.

O compartilhamento de suas histórias de superação e a contagem de meses e anos em transição dá estímulo e força nesse processo. Destaca-se que as imagens postadas nos grupos constituem-se pela representatividade almejada pelas mulheres negras. Neste ambiente, elas encontram o espaço para obter voz e se sentirem seguras na valorização do cabelo crespo, como escreve a participante: “incentivo é tudo”.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Postagem publicada em 03 mar. 2016 com 79 reações (curtidas e amei)

<sup>8</sup> Postagem publicada em 27 mar. 2016 com 310 reações (curtidas, amei e haha)

Durante a transição, as fases são importantes mecanismos de incentivo junto ao grupo, por isso, a inspiração, a motivação e a mudança são características ressaltadas neste ambiente. A rede de contato estabelecida constitui-se como laços sociais (RECUERO, 2009) proporcionados pelo grupo e que fomentam o incentivo para elas prosseguirem no processo. Os discursos negativos, que cresceram ouvindo e aceitando como verdade, são ressignificados no grupo e tornam-se construções positivas, que reforçam a sua identidade, juntamente, com suas características corpóreas. Assim, inicia-se a inserção de pautas positivas sobre a mulher negra reproduzida nas matérias dos jornais, utilizando a rede de comunicação para partilhar a mudança nas mentes dos sujeitos, articulada pela reprogramação em rede, conforme aponta Castells (2015).

### **A Reprogramação em rede com a Transição Capilar**

A transição capilar estabelece uma rede pela valorização, aceitação e orgulho do cabelo crespo, o que corrobora com os temas *empoderamento* e *incentivo*, encontrados nos objetos analisados. Há uma semelhança nos jornais e nos grupos para que as mulheres negras se mantenham com o cabelo natural.

Entende-se que há uma nova produção discursiva em construção acerca do cabelo crespo da mulher negra. Percebe-se uma maior preocupação dos jornais em abordar temáticas que incluam a mulher negra. No que tange o jornal *Zero Hora*, cabe ressaltar que as matérias analisadas aparecem na revista *Donna*. Esse fato pode evidenciar que, embora esteja trabalhando na produção de novos discursos em sua revista, o jornal ainda não contempla a temática negra de forma mais abrangente, além disso, também pode expor uma preocupação mais localizada da equipe da revista. Já na *Folha de São Paulo*, há um equilíbrio entre matérias no jornal e nas revistas, principalmente, pela mobilização causada pelo regresso do cabelo natural, como evidenciou a matéria da revista *sãopaulo*. Assim como, pelos tensionamentos causados pela Marcha do Orgulho Crespo<sup>9</sup> na cidade, tema também contemplado nos textos analisados no trabalho de conclusão de curso que deu origem a este artigo. Porém, há no discurso do jornal sentidos que demonstram o processo de naturalização como novo padrão, uma tendência entre tantas outras do mundo da moda, o que expõe a distorção

---

<sup>9</sup> Publicação em *sites* de notícias sobre a marcha do orgulho crespo pelo país. Essa teve seu primeiro ato em julho de 2015 e o segundo ato em 2016: Bom dia Brasil (2015), G1 São Paulo (2016).

sobre a temática.

As mídias escolhidas para análise do objeto reforçam a concepção da convergência midiática proposta pelos autores que embasam este estudo. Os resultados alcançados apontam para uma mudança nas relações de poder e contrapoder direcionadas à construção da imagem da mulher negra. Nessa mudança, os atores sociais na Internet tornam-se os produtores e as fontes da informação para as mídias tradicionais, como os jornais impressos. Os computadores pessoais, os *tablets*, os celulares e demais dispositivos que permitem acesso à Internet acentuaram o papel do usuário como produtor das informações, o que possibilita novas produções discursivas, tanto por parte dos indivíduos, quanto das instituições. Nesse sentido, os materiais analisados podem ser vistos como dados que colocam a transição capilar como mecanismo de resistência frente aos padrões impostos ao corpo da mulher negra desde a sociedade escravocrata. Além de evidenciar que esses comportamentos começam a ser modificados nas instituições sociais, como a mídia, embora de modo gradativo.

As mudanças são um importante mecanismo para a reprogramação em rede, proposta por Castells (2015), pois a transição capilar torna-se o ponto central de ligação entre as instituições, os atores e padrões sociais. Ao utilizar-se da comunicação para promover a mudança nas mentes, as mulheres negras exercem a função de promotoras da ressignificação proposta, protagonistas dessa reprogramação em rede, que resulta, no mínimo, no questionamento acerca dos padrões impostos. O gráfico abaixo tem como objetivo mapear o movimento dessa reprogramação:

**Gráfico 1 – Transição Capilar: Reprogramação em Rede**



Fonte: Elaborado pela autora (2016), tendo como base a reprogramação em rede proposta por Castells (2015)

As imposições travadas pelo padrão do cabelo liso são reproduzidas ao longo de décadas no imaginário social. Essa mudança, conforme se identificou na análise, é difícil de ser aceita tanto pelas mulheres que passam pelo processo, quanto pela sociedade. Nesse sentido, acredita-se que a transição capilar pode ser vista como processo de transformação social amparada pela cultura da mídia. Essa relação se torna expoente na produção de discursos positivos sobre a mulher negra, seja por meio dos sites de redes sociais, seja pela cobertura dos jornais de referência ou das zonas de intersecção e convergência entre esses sistemas.

### Considerações Finais

A partir da análise dos objetos deste estudo e aporte teórico, percebeu-se que os discursos acerca da transição capilar nos jornais e nos grupos no site da rede social Facebook são constituídos em duas linhas. Nos jornais, identificaram-se discursos que evidenciam o crescimento da abordagem sobre o cabelo natural. Além disso, evidenciou-se nas matérias uma didática na abordagem do retorno do cabelo crespo, isto é, de algum modo, os jornais precisam explicar o destaque dado ao tema, que é tratado ainda como uma tendência de estilo.

Nos grupos do site da rede social Facebook, identificaram-se discursos de incentivo, apoio, realização, aceitação, que correspondem à fase de (re) descoberta capilar pela qual as participantes passam. Ao abordar assuntos relacionados à transição, emergiram temas que englobam também esse processo como racismo, a baixa autoestima, o padrão do liso, a liberdade capilar. Embora o processo de transição capilar seja longo e difícil, as mulheres participantes dos grupos buscam no incentivo mútuo a segurança para persistir e assumir novamente seu cabelo natural.

### Referências bibliográficas

ANDRÉ, Maria da Consolação. **O ser negro**: a construção da subjetividade em afro-brasileiros. Brasília: LGE, 2008.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOM DIA BRASIL. **Marcha do orgulho crespo é realizada pela 1º vez em São Paulo**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2015/07/marcha-do-orgulho-crespo-e-realizada-pela-1-vez-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 05 out. 2016.

CASTELLS, Manuel. *Communication, Power and Counter-power in the Network*

---

*Society. International Journal of Communication*, [S.l.], v. 1, p. 29, fev. 2007. ISSN 1932-8036. Disponível em: <<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/46>>. Acesso em: 11 nov.2016.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

COLETIVA. **Fechamento Octo**. Disponível em: <<http://coletiva.net/noticias/2016/09/apos-10-meses-octo-encerra-operacoes/>> Acesso em: 11 nov. 2016

ECO, Umberto. **A história da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ENCRESPANDO. **Da química ao natural**: o processo de transição capilar. 2013. Disponível em: <<http://lorenamorais.wordpress.com/>>. Acesso em: 05 set. 2016.

G1 SÃO PAULO. **Mulheres participam da 2ª marcha do orgulho crespo em São Paulo**. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/08/mulheres-participam-da-2-marcha-do-orgulho-crespo-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 05 out. 2016.

GLOBO PLAY. **Mulheres entram na onda de fugir da química no cabelo e do alisamento**. Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/4462449/>>. Acesso em: 05 set. 2015.

GOMES, Nima Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2002. Disponível: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

LODY, Raul Giovanni da Motta. **Cabelos de axé**: identidade e resistência. Rio de Janeiro: SENAC, 2004.

NOGUEIRA, I. B.. O corpo da mulher negra. **Pulsional revista de psicanálise**, São Paulo, ano XIII, n. 135, p. 40-45, nov./1999.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ela tem na cabeça?** Um estudo sobre o cabelo como performance identitária. 2013. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico. **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão no Brasil. Rio de Janeiro: 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.